

Bruno Migliari

Leitura à Primeira Vista para Baixistas

Um método de aprimoramento baseado em gêneros musicais brasileiros



Índice

Índice	2
Sobre o autor	3
Notação Musical	5
Como usar este e-book	9
Capítulo 1 - Bossa Nova	12
Capítulo 2 - Samba	25
Capítulo 3 - Samba-Funk	39
Capítulo 4 - Ijexá	52
Capítulo 5 - Baião	63
Capítulo 6 - Xote	75
Capítulo 7 - Maracatu	86
Capítulo 8 - Frevo	99
Capítulo 9 - Carimbó	111
Capítulo 10 - Choro	123
Apêndice	136
Créditos	137
Bibliografia	137
Agradecimentos	138

Sobre o autor

Bruno Migliari

Formado Bacharel em Contrabaixo pela UNIRIO em 1994 (tendo tido como mestre o contrabaixista Antonio Arzolla) e Mestre em Música também pela UNIRIO em 2023 (tendo como orientador o saxofonista, Prof. Dr. Afonso "AC" Claudio). Estudou baixo elétrico com Adriano Giffoni e Aurélio Dias e iniciou seus estudos no contrabaixo acústico com Omar Cavalheiro. Acumulando mais de trinta anos de experiência profissional atuando nos campos da mpb, da música *pop* e do *jazz*, acompanha desde 2001 o cantor, compositor e guitarrista Frejat, tendo participado de todas as turnês e dos projetos-solo do artista até hoje.

Como líder ou co-líder, lançou três álbuns através de seu selo Oitava Abaixo (8VB) : "Bicho Música" (2018), "Amicizia" (em parceria com o guitarrista Chester Harlan - 2007) e "11 Cabeças" (com a banda de mesmo nome, liderada pelo saxofonista e arranjador Henrique Band - 2004).

De 2014 a 2017 foi colunista da revista Bass Player Brasil, escrevendo regularmente sobre o baixo *fretless*, e contribuindo com artigos e matérias especiais sobre *walking bass*, *palm muting*, produção musical e outros temas.

Foi baixista na primeira temporada do programa The Voice Brasil (TV Globo, 2012) e na segunda temporada do programa The Four Brasil (TV Record, 2020), além de ter atuado como diretor musical e baixista nas duas temporadas da série "Claro Que É Rock" apresentada por Frejat (Multishow, 2005 e 2006). Foi diretor musical e baixista no DVD "Renato Russo, Uma Celebração" (2005, produzido por Liminha).

Seus créditos em gravações e shows (tanto no Brasil como Europa e E.U.A) também incluem:

Simone, Ivan Lins, Ana Carolina, Milton Nascimento, Maria Gadú, Barão Vermelho, Lobão, Leoni, Paulinho Moska, Marcos Valle, Lulu Santos, Fernanda Abreu, Isabella Taviani, Rita Benneditto, Vander Lee, Serjão Loroza, João Sabiá, Ricardo Leão, Leandro Braga, Denise Reis, Avi Wisnia, Lokua Kanza, Susanna Stivali – entre outros.

Atua como baixista (toca baixo acústico, baixo elétrico e baixo *fretless*), arranjador, compositor e diretor musical.



Bruno Migliari (foto: Ana Paula Oliveira Migliari)

Notação Musical

Sobre a notação musical adotada neste e-book

A notação musical vem se desenvolvendo continuamente desde as primeiras partituras criadas por monges beneditinos no século XV e boa parte dos símbolos musicais utilizados nas partituras atuais já estavam plenamente consolidados no século XIX. O século XX viu surgir novos movimentos estéticos e com eles também novos símbolos que atendiam as novas sonoridades (e também o surgimento de novos instrumentos e a evolução tecnológica dos instrumentos já existentes) trabalhadas por compositores impressionistas, e mais à frente o advento da música serial, do atonalismo, do minimalismo e da música eletro-acústica¹.

O surgimento da indústria fonográfica reforçou a necessidade de modernizar e substancialmente "simplificar" alguns aspectos da notação musical tradicional, possibilitando maior velocidade na produção de uma partitura a ser usada durante um ensaio corriqueiro ou gravação em estúdio. Esta "modernização" da escrita buscou principalmente "condensar" as informações presentes numa partitura, levando em consideração o fato de que músicos de estúdio e de orquestras e conjuntos de música popular são necessariamente versados em seus respectivos "idiomas musicais", de modo que não é necessário escrever em notação musical detalhada o padrão rítmico que o pandeiro executará num choro, ou o exato "*voicing*" (distribuição das notas) que o violonista deverá utilizar em cada acorde do acompanhamento em uma samba-canção. É subentendido que parte das decisões acerca de detalhes interpretativos ou escolha do perfil de um acorde fiquem por conta do músico executante, abrindo espaço para um generoso percentual de espontaneidade na execução de uma peça. Neste contexto, cabe apontar que esta escrita moderna abre espaço para uma carga de improviso, ainda que restrito à determinadas escolhas e aspectos da execução de um arranjo.

Na música popular de qualquer origem estão sempre presentes um forte caráter improvisatório e de expressão pessoal dos executantes, e a música popular produzida hoje, mesmo na vertente mais comercial ou funcional (*jingles* publicitários e vinhetas de programas televisivos) inclui sessões nos arranjos durante as quais solistas improvisam livremente. A notação atualmente em uso abrange modos de escrita que reflitam esta liberdade de contribuição do músico executante. Veja a seguir alguns exemplos destas variantes de escrita utilizadas neste *e-book*:

¹ Bordini - Dos Primórdios da Notação Musical à Modernidade : https://musica.ufma.br/bordini/not_mus/hist.htm

1) Escrita convencional acompanhada de acordes cifrados:

B Emin⁷ E^bdim Dmin¹¹ A^{7(b5)}/C[#]

mp

Cmaj⁷ A/B B⁷ B^bmaj⁷ Amin⁷ Adim

2) Escrita rítmica acompanhada de acordes cifrados:

D Partido-Alto

f

Amin⁹ D⁷ Gmaj⁷

E^{7(#9)} Amin⁹

53

3) Escrita em slash (barras diagonais que correspondem aos pulsos contidos em cada compasso) acompanhada de acordes cifrados:

F SOLOS: Baixo (casa 1), Guitarra (casa 2)

Emin⁹ Dmin⁹ G⁹

(improvisar na 1a X e acompanhar livremente na repetição)

Cmaj⁷ Bmin^{7(b5)} E^{7(b9)}

4) Escrita combinando as três possibilidades acima:

Gmaj⁷ B^bmaj⁷

61 SIMILE...

Amin⁷ Tutti A^{b7(b5)} B^{b9} C⁹ D⁹

65

Nota sobre cifragem de acordes:

A cifragem de acordes já vem sendo utilizada há mais de 4 séculos (o baixo cifrado – a primeira forma de cifragem – surge em meados do séc. XVI), tendo evoluído consideravelmente ao longo do século XX, tendo se desenvolvido de formas distintas em diferentes regiões do planeta. Com o advento da indústria fonográfica (e o impulso que esta deu à edição de partituras e, posteriormente, à edição de *songbooks*) a cifragem de acordes passou a ser parte integral de partituras de música popular, e já em meados do século XX a forma mais difundida de partituras de canções era o *lead sheet* – partitura contendo melodia e harmonia apenas, representada por acordes cifrados posicionados acima do pentagrama precisamente sobre as notas da melodia sobre os quais incidem.

Esta forma se popularizou, mas a cifragem dos acordes conserva ainda hoje idiosincrasias culturais. Um acorde de dó maior com 7^a maior, por exemplo, pode ser cifrado de uma maneira no Brasil, de duas maneiras nos E.U.A. e ainda de outras formas na Europa ². Isso gera muita confusão, especialmente considerando que a notação musical se pretende “universal” (uma partitura convencional pode ser lida tanto por um músico russo quanto por um músico boliviano, ainda que não falem o mesmo idioma), e esforços vem sido conduzidos desde o final do século passado para a adoção de uma cifragem que seja entendida com clareza por músicos do mundo inteiro. Como já aconteceu em outros períodos durante a evolução da notação musical, culturas diferentes exerceram sua dominância em determinados aspectos da escrita musical: do barroco ao romantismo, os termos referentes à execução de uma peça (dinâmica, golpes de arco ou articulações) e à forma (*ritornello, da capo, a la coda*, etc.) eram todos em italiano (e assim permanecem até hoje). Durante o romantismo, o alemão foi introduzido também, e durante o movimento impressionista, o francês foi amplamente adotado. No âmbito da música popular, o inglês norte-americano se impôs por sua praticidade e objetividade, resultando em uma nomenclatura curta e de fácil compreensão para seções de uma composição (*intro, outro, vamp, verse, chorus, bridge*) e também numa cifragem de acordes alfanumérica de grande inteligibilidade. O volume de *songbooks* e vasto material didático publicado (e consumido mundialmente) também contribuiu para a difusão do sistema de cifragem de acordes norte-americano, fazendo com que ele seja hoje endossado academicamente pelas principais instituições dedicadas ao ensino de música popular – em especial o jazz (Berklee College of Music, Manhattan School of Music, Musician’s Institute, Texas University, para citar algumas das mais conhecidas). Assim sendo, decidi optar pelo sistema de cifragem norte-americano para este *e-book*, por acreditar

² Merlino, Julio - A Cifragem Alfanumérica – Uma Revisão Conceitual

firmemente na universalidade da escrita musical. Vale ressaltar que mesmo nos E.U.A. há mais de uma modalidade de cifragem para determinados acordes, e minha escolha foi por uma cifragem que adota siglas para determinar a qualidade das tríades (Maj, Min, Dim, Aug, Sus), dispensando símbolos gráficos sujeitos a interpretação ambígua (+, -, 5+, o, ø). Em poucas palavras: embora o conteúdo musical aqui apresentado seja inteiramente brasileiro, quero me certificar que possa ser lido e compreendido por japoneses, angolanos, canadenses e franceses igualmente – e não exclusivamente por brasileiros, que é o que aconteceria se tivesse sido adotada a cifragem brasileira. Reitero aqui que esta cifragem nacional nada tem de incorreto, incompleto ou impreciso. Ela apenas restringe o alcance do material que a utiliza, e portanto é menos eficaz.

Tabela de Acordes Cifrados




N.C. (no chord)	C bass	C	C ⁶	C ^{6/9}	C ^{add9}				
Cmaj ⁷	Cmaj ^{7(add13)}	Cmaj ⁹	Cmaj ¹³	C ⁷	C ⁹	C ¹³			
Cmin	Cmin ⁶	Cmin ^{6/9}	Cmin ^(add9)	Cmin ⁷	Cmin ^{7(add11)}	Cmin ^{7(add13)}			
Cmin ⁹	Cmin ¹¹	Cmin ¹³	Cmin ^(maj7)	Cmin ^{9(maj7)}	Cmin ^{7(b5)}	Cmin ^{9(b5)}	Cmin ^{11(b5)}		
Cdim	Cdim ⁷	Caug	Csus	C ⁷ sus	C ⁹ sus	C ¹³ sus	C ² sus	C ^{7(b9)} sus	C ^{13(b9)} sus
Cmaj ^{7(b5)}	Cmaj ^{7(#5)}	Cmaj ^{7(#11)}	Cmaj ^{9(#11)}	Cmaj ^{13(#11)}	C ^{7(b5)}	C ^{9(b5)}			
C ^{7(#5)}	C ^{9(#5)}	C ^{7(b9)}	C ^{7(#9)}	C ^{7(b9)}	C ^{7(#9)}	C ^{7(b9)}			
C ^{7(#11)}	C ^{9(#11)}	C ^{7(#11)}	C ^{7(#11)}	C ^{13(b5)}	C ^{13(b9)}	C ^{13(#11)}			
C/E	C/G	E/C	B ^b /C	C ^{add9} /E	C ^(add9) _(omit 3)	C ^{7(omit 3)}	Cmin ^{7(omit 5)}		

Como usar este e-book

Este é um método de aprimoramento da leitura à primeira vista voltado para baixistas, e como tal não pretende ser um método explicativo completo sobre a notação musical. Para usufruir da melhor forma o conteúdo aqui apresentado, é necessário que o músico já esteja familiarizado com os fundamentos da escrita musical. É fundamental que saiba identificar as notas dispostas no pentagrama (em especial na clave de Fá) e as figuras musicais que representam a duração de cada nota (semi-breves, mínimas, semínimas, colcheias e semicolcheias - e suas respectivas pausas), bem como a localização das notas presentes na pauta em seu próprio instrumento. Ter um bom conhecimento da "geografia" do baixo é da maior importância para ler música com mais confiança e segurança. Na prática, um baixista que sabe "o endereço de cada nota" no seu instrumento poderá dedicar maior atenção às informações presentes na partitura, sem precisar olhar o tempo todo para o braço do instrumento (e conseqüentemente não olhando para a partitura) tentando encontrá-las... não se aflija: uma olhada antes de um grande salto intervalar ou modulação será sempre necessária, mas é importante não depender deste recurso o tempo todo durante uma performance.

Cada um dos dez capítulos é dedicado a um gênero musical brasileiro. Foram escolhidos aqueles mais representativos da diversidade cultural e estética presente em nosso país, apontando origens folclóricas e revelando matrizes africanas e indígenas mescladas à tradição européia que caracteriza nossa identidade cultural, desde sempre miscigenada. A pesquisa tomou como matéria prima fonogramas produzidos a partir da "época de ouro" da indústria fonográfica brasileira (anos 1960 a 1980), se estendendo até os anos 2020. Foi justamente a pesquisa de fonogramas que exemplificassem cada um destes gêneros a origem da criação deste material. Selecionei gravações conhecidas, todas elas apresentando contribuições distintas de baixistas que ajudaram a consolidar um vocabulário musical brasileiro para linhas de baixo. Transcrevi trechos relevantes das linhas de baixo presentes nestes fonogramas, e em seguida produzi as composições originais aqui apresentadas, reunindo algumas características compartilhadas com os fonogramas pesquisados - seja em termos de forma, contorno melódico ou mesmo fragmentos de melodia. Finalmente, ao realizar os arranjos para quinteto incluídos aqui nos exemplos em áudio, tratei de criar linhas de baixo que contivessem os mesmos elementos característicos presentes nas linhas de baixo dos fonogramas pesquisados, permitindo-me um mergulho enriquecedor nos recursos musicais de alguns dos maiores baixistas brasileiros (e mesmo de alguns estrangeiros que vieram dar sua contribuição).

Os capítulos são apresentados numa seqüência crescente de dificuldade de leitura – não de dificuldade técnica. É importante fazer esta observação, porque este não é primordialmente um "método para aprimorar sua técnica no baixo" – embora você até possa observar uma evolução técnica ao completar o e-book!

Cada capítulo inclui orientações específicas sobre a leitura da partitura apresentada no meio do mesmo, que será o principal objeto de estudo. Toda vez que encontrar o símbolo do alto falante , basta clicar sobre ele para ouvir o áudio correspondente ao exemplo em notação musical que você acaba de ler. Em seguida, alguns exercícios preparatórios apresentaram padrões característicos de linhas de baixo do gênero abordado no capítulo. Novamente, clique nos ícones  para ouvir os exercícios apresentados em notação musical – e não deixe de praticar os exemplos apresentados nas doze tonalidades. Isto não só irá fazer com que você se familiarize com o vocabulário daquele gênero (suas "levadas de baixo" características), como estará fortalecendo sua técnica e tempo interno – o que é fundamental para qualquer baixista. Estando já "ambientado" no idioma musical abordado, é hora de ler a partitura, situada no meio do capítulo. Você poderá fazê-lo tocando junto com o áudio – sim, clique novamente nos alto-falantes  ao redor do título da partitura: aquele à esquerda do título apresenta a gravação sem o canal do baixo, enquanto aquele à direita apresenta a gravação incluindo o baixo gravado por mim. Em algumas das partituras há trechos destinados ao improviso do baixo. Você deverá improvisar seu próprio solo durante a leitura, mas convido-o a transcrever meu solo (acessando o áudio completo, com o canal de baixo incluído) como um estudo adicional. Transcrever música é uma forma muito eficaz de melhorar sua leitura, uma forma de estudar a notação pelo processo invertido em relação ao que acontece quando estamos lendo a partitura. Escrever e ler são, substancialmente, parte do mesmo processo.

Ao final de cada capítulo, uma lista de três baixistas associados àquele gênero musical é apresentada, contendo uma breve biografia, exemplos ilustrativos de seus estilos pessoais (que também devem ser praticados nos doze tons, seguindo o ciclo de 4as) e links para a audição de três álbuns fundamentais na discografia de cada um deles (clique sobre a ilustração de cada álbum para ser direcionado a uma plataforma de streaming aonde poderá ouvi-lo). Não perca a chance de se aprofundar naquele gênero musical e na contribuição que cada um destes grandes músicos deu a ele. Considere esta "audição ativa" um exercício de percepção musical, que certamente trará muitos benefícios a você como baixista.

No final do livro há uma sessão para acessar materiais adicionais. Nela você encontrará links para baixar os audios correspondentes a cada uma das 10 (dez) partituras presentes neste e-book, em duas modalidades: com e sem o baixo. A modalidade “toque junto” sem baixo é apresentada em duas velocidades de reprodução: andamento real e redução de vinte por cento do andamento, para que você possa praticar mais lentamente antes de encarar o andamento real da gravação, se assim desejar. É recomendável que você filme suas sessões de prática de leitura para que possa avaliar sua evolução, comparando sua performance com as gravações completas (incluindo o meu baixo). Lembre-se que a leitura é uma habilidade que precisa ser constantemente cultivada, então procure incorporar sessões de leitura à primeira vista – mesmo que breves – na sua prática cotidiana do instrumento.

Além dos áudios, você poderá baixar o score (grade do arranjo) e as partituras individuais para cada um dos instrumentos para cada um dos dez temas apresentados, caso deseje tocá-los com outros músicos.

Abraço grave e bons estudos!

– Bruno Migliari,

Rio de Janeiro, Outubro/2023